

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA PREGAÇÃO NO MEDIEVO OCIDENTAL

Vicitor Mariano Camacho¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar em linhas gerais algumas considerações acerca da prática da pregação no âmbito da Idade Média ocidental. Apoiaremos esta exposição em estudos clássicos da historiografia, bem como em trabalhos recentes que tratam especificamente do tema, tendo como principal objetivo discutir como se deu o desenvolvimento desta atividade dentro do cristianismo medieval. Neste trabalho, daremos maior ênfase aos séculos XII e XIII onde se observa uma ampliação e uso da prédica como instrumento de centralização política e controle social por parte da Igreja Romana.

Palavras-chave: pregação; Igreja Romana; Ordens Mendicantes.

ABSTRACT

The objective of this article is to outline some considerations about the practice of preaching in the Western Middle Ages. We will support this exposition in the studies classics as well as recent works that specifically addressed the topic with the main objective to discuss how was the development of this activity within medieval Christianity. In this work, we will give more emphasis to the twelfth and thirteenth centuries where one observes a broadening of the preacher as an instrument of political centralization and social control by the Roman Church.

Keywords: preaching; Roman Church; Mendicant Orders.

¹ Graduado em História pela Uniabeu-Centro Universitário em 2011. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante do Programa de Estudos Medievais da mesma instituição. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa coletivo Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade sob a orientação da Professora Dra. Andreia Cristina Lopes Frazão da Silva e conta com o apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior) por meio de uma bolsa de estudos. *E-mail:* victormarianocamacho@yahoo.com.br

No âmbito do cristianismo, a atividade da pregação sempre teve um papel preponderante para a difusão da mensagem evangélica. Os próprios textos bíblicos, sobretudo do Novo Testamento, a começar pelos Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, relatam ou mesmo exaltam a atividade de pregação tanto de Cristo quanto de seus seguidores. Estes relatos destacam que as exposições eram geralmente públicas, em templos, casas e locais abertos. A partir das palavras de Cristo e dos apóstolos, supostos milagres e outros fenômenos eram presenciados pelos ouvintes e significados como sinais divinos manifestados a partir das pregações proferidas pelos grandes ícones da cultura judaico-cristã.²

Ao longo da Idade Média até nossos dias, a pregação permanece como indispensável para a transmissão e afirmação de doutrinas de grupos cristãos, no que diz respeito a práticas sociais, doutrinas ou visões de mundo, que são pautadas em textos bíblicos e nas tradições institucionais construídas no decorrer da história.

Marie Paolo Bolieu salienta que a grande maioria da sociedade medieval era iletrada, sendo o letramento muitas vezes restrito aos clérigos, logo, a palavra proferida oralmente ganhava maior receptividade e eficácia para a transmissão da doutrina cristã. Assim, a pregação reunia, nas principais datas do calendário litúrgico da Igreja Romana, fiéis em torno da palavra de Deus em busca de salvação, ao mesmo tempo em que estabelecia de forma hierárquica uma distinção entre locutores e ouvintes, sendo estes respectivamente clérigos e leigos. Tal prática tinha, portanto, a função de delinear a ideia de uma crença verdadeira em oposição a uma suposta religiosidade falsa, denominada como heresia e/ou superstição, a fim de afirmar um modelo de cristianismo e de sociedade, aos quais elementos religiosos e políticos estavam associados (BOLIEU, 2009, p. 367).

² Os textos bíblicos com recorrência tratam a pregação de Cristo como um evento de grandes proporções, pois reunia grandes multidões. Destacam a prática do uso de parábolas e outras narrativas como um recurso didático, transmitindo um modelo de pregação perpetuado ao longo dos séculos no cristianismo. Um exemplo de relato como este é possível ver no Evangelho de Mateus: “Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se à beira do mar. Em torno dele reuniu-se uma grande multidão. Por isso, entrou num barco e sentou-se, enquanto a multidão estava de pé na praia. E disse-lhes muitas coisas em parábolas” (Mt. 13, 1-3). Já nos Atos dos Apóstolos, é narrada aquela que foi vista como a primeira exortação de Pedro, logo após Pentecostes. Desta forma, o ato de pregar, na tradição eclesial, marca o início da atividade dos apóstolos e da missão da própria Igreja Romana: “Pedro então de pé com os Onze, levantou a voz e assim lhes falou: “Homens da Judeia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos as minhas palavras (...)””. (At. 2, 14). *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2002.

Inicialmente, durante a Alta Idade Média, a prática da pregação tinha por intuito principal promover a conversão dos chamados genericamente de pagãos, em um período no qual grande parte da sociedade ainda não havia se convertido ao cristianismo, sendo o ofício restrito inicialmente aos bispos. Neste sentido, Paulo Duarte Silva pontua que a pregação, além de ser utilizada como uma forma de instrução aos catecúmenos, também tinha um caráter repressor aos grupos vistos como dissidentes na Alta Idade Média, uma vez que, neste mesmo contexto, floresceram correntes conhecidas como o maniqueísmo e o arianismo, que ganharam adeptos até mesmo entre a nobreza. (SILVA, 2011, pp. 107-113)

Silva destaca o papel do bispo Cesário de Arles no VI século, que, em suas exortações quaresmais, procurava não apenas instruir aqueles que desejavam ingressar na Igreja Latina, mas também condenar e refutar a doutrina julgada herética, muitas vezes, definindo os ditos hereges como adúlteros, sectários, além de acusá-los de deturpar a doutrina transmitida pela Sagrada Escritura. Logo, o bispo procurava legitimar a doutrina e a instituição cristã latina frente às ideias destes grupos dissidentes por meio de textos não apenas do Antigo, mas também do Novo Testamento, apontando para uma espécie de continuidade entre o ensinamento bíblico e a tradição cristã (SILVA, 2011, pp. 107-113)

Todavia, no caso de Cesário, embora o bispo em suas pregações procurasse dar legitimidade à instituição eclesiástica por meio do texto bíblico, que provém da tradição hebraica, em alguns momentos o mesmo associava os judeus aos hereges, condenando-os pelos seus supostos erros e rejeição da doutrina católica (SILVA, 2011, pp. 107-113).

Quando ainda era predominante a conversão e o ingresso no catecumenato, os preladados proferiam pregações aos neófitos durante as celebrações litúrgicas que precediam o seu batismo e iniciação na vida cristã. Porém à medida que o cristianismo se estendeu para a grande massa da sociedade, sendo assimilado pelo Estado Romano, estes bispos acabaram assumindo diversas funções, como a administração do tesouro, o governo e até mesmo na legislação das cidades, impossibilitando uma dedicação mais assídua a esta atividade (BOLIEU, 2009, p. 368).

Além disso, com a instituição do batismo de crianças, a necessidade de se pregar aos catecúmenos diminuiu, tornando-se necessário que os preladados

encontrassem formas de transmissão dos ensinamentos bíblicos e doutrinários para a grande quantidade de fiéis presentes em suas igrejas locais. Por isso, esta prática paulatinamente foi descentralizada da figura episcopal e estendida a outros membros do clero, como os presbíteros.

Para que os padres pudessem exercer tal função, tornou-se necessário que os mesmos bispos oferecessem a devida instrução ao seu clero diocesano. Por isso, foram criados manuais ou roteiros de homilética para as principais festas e momentos centrais do calendário litúrgico, além de explicações da Sagrada Escritura para auxiliar em suas exortações (BOLIEU, 2009, p. 368). Dentre os textos desta natureza, podemos destacar *De doctrina christiana* e *De catechizandis rudibus*, de Agostinho de Hipona, *Homiliae in Evangelium* e *Homiliae in Ezechielem*, de Gregório Magno, e a própria obra sermônaria de Cesário de Arles, que é dividida em sermões *de diversis, de scriptura, de tempore, de sanctis* e *ad monachos* (BOLIEU, 2009, p. 368).

Phyll Roberts destaca que, com a fusão entre o cristianismo e a cultura greco-romana, a pregação reveste-se de recursos retóricos provenientes do pensamento clássico. O próprio Agostinho utilizava-se não somente dos padres da Igreja, mas também das considerações de Cícero e outros pensadores do mundo antigo como modelos retóricos em seus sermões, tais recursos seriam perpetuados ao longo da Idade Média (ROBERTS, 2002. p. 43).

No âmbito da instituição eclesiástica, as pregações se davam em duas modalidades: a primeira delas seria a homilia, que consistia em uma explicação interpretativa de cunho catequético dos textos bíblicos, proferida durante a celebração litúrgica, aos fiéis, de forma minuciosa. A segunda, mais usual por volta do século XII, era o sermão, uma pregação erudita, na qual se desenvolve uma exposição teológica a partir de uma breve citação extraída de um texto bíblico e que também é proferida em atos litúrgicos (ROBERTS, 2002. pp. 41-61).

A partir do século XII, elementos presentes na sociedade medieval trazem transformações nas funções e na forma da pregar. Destacamos, assim, o movimento das cruzadas e a intensa atividade comercial atrelada ao desenvolvimento das cidades, e, sobretudo, as novas formas de expressão religiosa que se fazem presentes durante

este período, que são chamados de movimentos de vida apostólica.³ Esta nova forma de manifestação religiosa traz de volta a pregação popular, que não se restringia apenas ao espaço dos templos. Estas exposições, feitas majoritariamente por leigos, muito mais que apresentar um caráter catequético, sinalizavam para a adoção de uma vida de austeridade, renúncias e radicalidade evangélica. De certa forma, a emergência desta forma de prédica entrava em conflito com os parâmetros metódicos da instituição eclesiástica, que procurava restringir este ministério ao clero.

Provenientes desta experiência religiosa, grupos considerados heréticos surgidos neste mesmo período passaram a se dedicar a este ministério. Eles pautavam suas exposições em elementos concretos da sociedade de seu tempo, diferentemente dos discursos teológicos e eruditos feitos pelos clérigos, muitas vezes distantes da realidade dos fiéis. Os ditos hereges também traduziam textos da Sagrada Escritura para o vernáculo, fazendo exposições de forma compreensível ao seu público, formado, sobretudo, pelos habitantes dos centros urbanos. Estas iniciativas apontavam para um anseio predominante na sociedade medieval expressado pelos movimentos de vida apostólica, que buscavam revisitar e reviver as experiências relatadas no Novo Testamento, cujo acesso ainda permanecia inacessível aos leigos (BÉRIOU, 2002, p. 113).

Nos primeiros séculos da Idade Média, a alta hierarquia eclesiástica há muito havia deixado de lado o caráter popular do ministério da pregação, tentando restringi-lo entre aqueles que haviam recebido as ordens sacras, sobretudo entre o clero secular (ROBERTS, 2002, p. 45). Contudo, no século XII, em virtude de mudanças de ordem social e religiosa com as cruzadas, o desenvolvimento urbano e os movimentos de vida apostólica, e a ação de correntes vistas como heterodoxas, por iniciativa do movimento monástico, há uma tentativa de reavivar o caráter simples desta prática dentro da Igreja Romana.

A pregação eclesiástica foi descentralizada nos padres diocesanos e também foi proferida pelos monges, sobretudo os cistercienses, cujo maior ícone foi Bernardo de Claraval. O abade pregava tanto em latim, ao dirigir-se ao clero, quanto em vernáculo,

³ Entendemos por movimentos de Vida Apostólica, comunidades de fiéis surgidas entre os séculos XI e XIII que desejavam viver o evangelho de forma radical, renunciando às riquezas e pregando a penitência. Cf: (VAUCHEZ, 1995, pp. 82-83)

no momento em que falava aos leigos. Os cistercienses também se empenharam nas primeiras tentativas de confronto contra grupos considerados heréticos, por meio desta atividade (BOLIEU, 2009, p. 370).⁴

Com isso, tornou-se necessário uma maior preocupação por parte da instituição eclesial para criar meios e estratégias que tornassem a pregação aos fiéis leigos mais eficaz, e conter a ação dos grupos que via como heterodoxos. A Igreja Romana estabelece, então, como uma de suas metas, afastar os fiéis das correntes que determina como heréticas, assimilando suas doutrinas e diretrizes.

Nicole Bériou aponta que durante a Idade Média Central, mais do que nunca, a pregação assume um caráter didático educativo. Assim como os pais transmitiram aos filhos valores e modelos comportamentais e de integração social, a Igreja Romana, da mesma forma, estabelecia diretrizes religiosas e normas de conduta aos fiéis, utilizando-se de imagens, objetos e rituais (BÉRIOU, 2002, p. 115).

Como mencionamos, com o exercício da pregação por parte dos presbíteros, os bispos, doravante, deveriam garantir a formação dos mesmos para tal ministério. Esta preocupação permanece no século XII, quando as escolas diocesanas veem a necessidade de uma atualização quanto à interpretação dos textos bíblicos que fundamentavam as práticas religiosas cristãs. Tal necessidade devia-se ao contexto cultural, religioso e social do Ocidente Medieval. Por isso, ampliou-se a criação de manuais contendo uma série de sermões para cada dia do ano litúrgico, além de instruções precisas no intuito de estabelecer regras e modelos destinados àqueles que pretendiam fazer exortações aos fiéis que passaram a circular por várias regiões do Ocidente. Este conjunto de instruções e teorias foi designado no século XII como *Artes Predicandi*, que privilegiavam o estudo não somente de teologia, mas também da gramática, oratória e retórica (ROBETS, 2002, p. 41).

Destes manuais, se têm registro, desde o século XII, de algumas obras como o *Liber quo ordine sermo fieri debeat*, do beneditino francês Guibert de Nogent, e, já em

⁴A reação dos monges contra os grupos ditos heréticos relaciona-se à questão do culto em favor dos mortos. Nas abadias beneditinas, de forma recorrente, nobres faziam doações para que os religiosos para que, através das missas e recitação das horas canônicas, garantissem a salvação das almas dos fiéis falecidos. Por isso, arrecadava-se grande quantidade de dízimos e outros bens, acreditando que a oração monástica era um meio de se garantir uma vida após a morte no Paraíso. Contudo, grupos vistos como heréticos questionavam esta prática e passaram a recusar a sua legitimidade, entrando em conflito com os interesses dos monges. Cf. (LAUWERS, 2009, p.163-199).

finais do século XII e inícios do XIII, o manual *Summa de arte praedicatoria* do cisterciense, também francês, Alain de Lille (ROBERTS, 2002, pp. 46-48).

O interesse pelos estudos de retórica terá maior peso por volta do século XIII, sobretudo, nas escolas catedráticas francesas, além dos mosteiros e meios universitários. Dentro das *Artes praedicandi*, incluía-se o estudo dos métodos de Cícero, no intuito de melhor exercitar a capacidade de persuasão dos pregadores. Porém, nestes estudos há uma constante preocupação em cristianizar o pensamento clássico, criando assim o que se chamou de retórica divina ou oratória espiritual. A retórica apropriada dos pensadores clássicos, para os mestres medievais, entendia a persuasão como uma virtude indispensável para a afirmação da doutrina romana (CARPLAN, 1933, pp. 75-81).

Revestidas de um caráter pedagógico, as diretrizes estabelecidas aos pregadores previam uma infinidade de objetivos, dentre os quais: instruir os ignorantes; reconfortar os infelizes; animar os perseguidos; confundir os maus, e encorajar os bons.⁵ Elas deveriam, portanto, edificar seus ouvintes e prevenir que os mesmos não caíssem em pecado. Segundo Bériou, os manuais das *Artes Praedicandi* enfatizavam uma missão quase que materna do pregador em educar os filhos da Igreja, transmitindo um discurso contra os vícios e o pecado (BÉRIOU, 2002, p. 116). Constatamos, nestas diretrizes, uma hierarquização entre clérigos e leigos, na qual os segundos são colocados em uma situação de dependência perante a hierarquia eclesiástica.

Vemos, com estas medidas, a crescente preocupação da Igreja Romana em utilizar-se da pregação como meio de garantir sua hegemonia política e religiosa no âmbito da sociedade medieval, na qual a própria figura do pregador adquire autoridade e *status* social. À medida que o papado, sobretudo entre os séculos XII e XIII, consolida suas diretrizes centralizadoras e o estabelecimento de regras, esta atividade adquire dois objetivos principais: o primeiro seria, por meio da persuasão, converter os considerados hereges ou mesmo impedir que os leigos aderissem a suas doutrinas, consideradas, na visão da cúria romana, errôneas e nocivas para a unidade

⁵ Observamos, na exposição de Bériou, que tais objetivos estavam em consonância com o sermão da montanha, onde Cristo havia pregado sobre as Bem-Aventuranças. Esta passagem do Evangelho é apropriada pela instituição eclesiástica, a fim de propor um conjunto de virtudes que deveriam ser cultivadas pelos cristãos enfatizadas na pregação. Ver: Mt. 5, 1-48.

da Igreja; o segundo seria fomentar uma vida sacramental regrada, principalmente com a prática da confissão e da eucaristia por parte dos fiéis, elementos que foram estabelecidos nas atas do III e no IV Concílios de Latrão.

A pregação medieval será mais expressiva com o surgimento e ação das ordens mendicantes na Idade Média Central.⁶ Os anseios de centralização doutrinal do papado não foram postos em prática de forma satisfatória por grande parte do clero secular, porém, os Frades Menores (franciscanos) e Pregadores (dominicanos) representaram para a Igreja Romana uma forma eficaz de pôr em prática seu discurso centralizador através do ato de pregar.

Entre finais do século XII e inícios do século XIII, momento em que a Igreja Romana objetivava promover reformas em diversos âmbitos do Ocidente medieval, tanto no que tange a política, quanto a práticas sociais e religiosas dos fiéis, o papa Inocêncio III procurou empreender uma renovação da Prédica, utilizando-a como um instrumento de controle, não apenas dentro da hierarquia eclesiástica, mas também no meio laico (ROBERTS, 2002, p. 45).

Alguns fatores possibilitaram o sucesso dos religiosos mendicantes nesta prática: primeiramente, embora os monges, sobretudo cistercienses, já desempenhassem esta atividade desde o século XII, os franciscanos e os dominicanos, diferentes dos primeiros, procuraram se estabelecer nos centros urbanos da Europa e não em mosteiros no meio rural. Outro fator se deve a sua ação pastoral de apelo predominantemente popular, atendendo aos grupos que viviam na cidade.

As ordens mendicantes, na verdade, representaram uma institucionalização da própria pregação dos movimentos de vida apostólica que já haviam se concentrado em proferir exortações para as populações citadinas. A atividade destes frades, revestida de um caráter itinerante e discurso simples, entrava em disputa com os movimentos que eram vistos como heréticos, criando uma nova forma de comunicação por parte da Igreja Romana dentro da realidade urbana, que até então era, de certa forma, negligenciada por esta instituição (DELCORNO, 1977. p. 679).

⁶ Embora em alguns manuais de história medieval seja recorrente delimitar as ordens mendicantes somente às instituições franciscana e dominicana, como é o caso desta pesquisa, além destas, dois outros grupos religiosos foram fundados por volta do mesmo período e seguiram o modo de vida religiosa mendicante, como os carmelitas e os mercedários.

Assim como os movimentos considerados heréticos, estes religiosos procuraram proferir homilias e outras exposições em vernáculo para a população. Ao final do século XIII, já trabalhavam na tradução de textos bíblicos, que, embora ainda não fossem disponibilizados para os fiéis leigos, serviam para os religiosos que se dedicavam a esse ministério. Assim, passou-se a distinguir a pregação clerical proferida em latim, neste caso, o sermão, da pregação em vernáculo dirigida aos fiéis leigos.

Investindo nas audiências em língua vulgar, os mendicantes procuraram estar presentes em vários momentos da vida social urbana. Assim, o ato de proferir exortações ao povo não ficará restrito somente ao âmbito da missa ou mesmo no espaço físico das igrejas. Além de pregarem nos domingos, dias santos e festas do calendário litúrgico, os frades, de maneira contínua, falavam aos fiéis em outros momentos, como casamentos, funerais, tornando as falas destes religiosos verdadeiros eventos públicos.

Percebemos, assim, a preocupação da Igreja Romana em contemplar de forma satisfatória o ambiente laico e urbano, local onde a incidência de adesão aos movimentos ditos heréticos era maior, sobretudo no sul da França e no Norte da Itália (GILLI, 2011, p. 51). No caso dos próprios valdenses, sabemos que a maioria de seus adeptos era proveniente de grupos de mercadores, tendo o seu movimento surgido em Lyon, ao Sul da França.⁷ Por isso, a ação destes religiosos, nestas regiões, com o intuito de expurgar a heresia, ao longo do século XIII, foi mais incisiva. Mas outras áreas foram alvo de missões mendicantes.

Assim, o papado, por volta de 1233, organizou uma missão de pregação formada, sobretudo, por religiosos franciscanos e dominicanos nestas regiões, a fim de obter possíveis conversões dos adeptos dos grupos vistos como heterodoxos, bem como impedir que o sua mensagem fosse aceita pelas populações locais. Todavia, com o pretexto de combate a movimentos heréticos, pretendia-se também, por meio da

⁷Os valdenses, fundados por Pedro Valdo, um mercador de Lyon no Sul da França que havia renunciado a suas riquezas, passando a viver em pobreza e a pregar a penitência, inicialmente foram cooperadores na cidade em que surgiram, tendo o apoio do seu bispo Guichardo. Os valdenses compareceram no III Concílio de Latrão, onde Valdo obteve a aprovação pontifícia por parte do papa Alexandre III. Todavia, em decorrência da morte de Guichardo e da crescente hostilidade por parte do clero de Lyon, foram expulsos da diocese. Os seguidores de Valdo passaram então a contestar o valor dos sacramentos e a conduta do clero, sendo condenados por heresia pelo papa Lúcio III (Cf. RUBELLIN, 2009, pp. 201-228). Estudos recentes têm destacado que tais grupos estavam fragmentados em vários outros, com costumes e doutrinas distintas.

pregação franciscana e dominicana, a garantia da dominação papal nas cidades da região da Lombardia ao norte da Itália, onde, em alguns casos, os poderes políticos eram simpatizantes de correntes heterodoxas (GILLI, 2011, pp. 344-345).

Dominicanos e franciscanos, sob as ordens do então papa Gregório IX, através de suas exortações, promoveram uma verdadeira reforma nos estatutos comunais das cidades da Itália do Norte, sobretudo em Parma, Bolonha, Vicenza, Verona, Milão e Monza. Nas campanhas de pregação, mediaram conflitos urbanos entre instâncias políticas locais, fomentando uma política de pacificação que atendia aos interesses papais frente à autoridade do Sacro Império Germânico. Em alguns casos, cidades introduziram em seus estatutos leis anti-heréticas, estreitando vínculos com a Santa Sé, permanecendo obedientes ao papado (VAUCHEZ, 1966, pp. 505-506). Citamos, como exemplo, o caso de Pádua, cidade que presenciou o furor da atividade pastoral do frade franciscano Antônio de Lisboa/Pádua, sendo reconhecida pelo papa Gregório IX como uma das mais fiéis à Igreja dentro da região.

A constante dedicação dos frades a esta atividade levou a investimentos por parte do governo destas ordens em estudos, manuais dentro do modelo das *Artes predicandi*, conventos mais amplos e equipados de manuscritos com textos bíblicos, dos santos padres, além de filósofos clássicos, perpetuando, assim, como já destacamos, os recursos retóricos construídos ao longo dos séculos do cristianismo (BÉRIOU, 2002, p. 119). Nos grandes centros universitários, onde os religiosos mendicantes também possuíam cátedras de teologia, através de seus grandes mestres, procurou-se dar formação sólida àqueles que desejavam exercer tal ministério.

Segundo Bolieu, com os parâmetros construídos, tanto pela Igreja Romana quanto por estas ordens, o bom pregador deveria ser capaz de proferir exposições tanto em meios eruditos quanto para os fiéis. Ele também deveria ser capaz de falar em todo o local ou circunstância, como em cortes, universidades, concílios, sínodos, colégios, assim como simples paróquias ou capelas. Deveria atrair multidões, transformando locais públicos, ou, até mesmo, monumentos pagãos em locais de pregação (BOLIEU, 2009, p. 273). Ao longo do século XIII, franciscanos e dominicanos contaram com personalidades que obtiveram fama, além das honras dos altares, pela prática deste ministério que, de acordo com relatos hagiográficos, seguiam este

modelo, como é o caso do próprio Antônio de Pádua, Domingos de Gusmão e Pedro de Verona.

Somado a isso, nesse período as diretrizes pastorais propostas pelo papado procuraram estabelecer a confissão individual como norma, em detrimento da confissão pública predominante na estrutura rural do período alto-medieval. Roberto Rusconi elucida que, desde o IX século, o ritual de imposição das cinzas na quarta-feira da primeira semana da Quaresma marcava o início de um período de penitência, que culminaria necessariamente com uma confissão individual, em vista de se receber a comunhão pascal. Porém, em finais do século XII, a fim de melhor regulamentar esta prática, cria-se o costume de preceder o ato da confissão com uma pregação (RUSCONI, 1981, p. 68).

Logo, pregação e confissão estabelecem uma ligação estreita, uma vez que os discursos proferidos pelos frades, às vésperas das festividades pascais, assumiram um cunho moralizante e penitencial. Na quaresma predominavam exposições de natureza exortativa, apontando os vícios e virtudes e as diretrizes para uma conduta cristã considerada ideal. Assim, os pregadores deveriam levar os seus ouvintes a refletirem a respeito de possíveis faltas cometidas e de sua vivência em relação aos ensinamentos evangélicos e a doutrina da Igreja. Obviamente, tais discursos também enfatizavam a própria ideia de redenção e danação, a fim de garantir uma coesão religiosa por parte dos fiéis.

No intuito de por em prática a constituição *Omnis utriusque sexus*, cânone 21 do IV Concílio de Latrão,⁸ que previa a obrigatoriedade do sacramento da confissão com o sacerdote por ocasião da Páscoa, era necessária uma formação teológica sólida por parte dos padres, a fim de orientar melhor as práticas de penitência dos fiéis. Por

⁸ A tradução da edição espanhola de Raimunda Foreville das atas do IV Concílio de Latrão é nossa: Todo fiel de um ou outro sexo, uma vez tendo o uso da razão, deve confessar sinceramente todos os seus pecados por si mesmo a seu pároco, ao menos uma vez ao ano, cumprir com esmero e na medida de suas possibilidades a penitência que lhe for imposta, e receber com respeito, ao menos pela Páscoa, o sacramento da eucaristia, a não ser que por consentimento do pároco, por razão válida, julgue que deve abster-se do mesmo temporariamente. (DECRETOS DEL IV CONCILIO DE LETRAN, 1972, p. 174). Segue o trecho latino: *Omnis utriusque sexus fidelis postquam ad annos discretionis pervenerit omnia sua solus peccata confiteatur fideliter saltem semel in anno proprio sacerdoti et iniunctam sibi poenitentiam studeat pro viribus adimplere suscipiens reverenter ad minus in pascha eucharistiæ sacramentum nisi forte de consilio proprii sacerdotis ob aliquam rationabilem causam ad tempus ab eius perceptione duxerit abstinendum.* (CONCILIUM LATERANENSE IV (1215). Disponível em: <http://www.internetsv.info/Download.html>. Acesso em 29 de abril de 2014).

isso, além dos manuais de pregação, difundiram-se também aqueles que traziam instruções para a administração do sacramento da penitência.

Entretanto, devido ao seu preço elevado, tais livros muitas vezes não chegavam ao alcance do clero secular, que carecia, em muitos casos, de uma formação teológica consistente. Assim, mais uma vez os mendicantes assumem de forma cada vez mais ostensiva a administração do sacramento da penitência, procurando, por meio de sua exposição oral, persuadir os ouvintes para uma prática regular da confissão individual com o sacerdote (RUSCONI, 1981, pp. 69-70).

Todavia, tal persuasão se dava a partir de elementos retóricos e pedagógicos, sendo um deles o chamado *exemplum*. Estes curtos relatos contidos dentro dos manuais de pregação eram na verdade passagens de textos bíblicos, da vida, ou sermões dos santos padres e doutores eclesiásticos, podendo ser também anedotas ou fragmentos de hagiografias utilizados para orientar práticas sociais (BERLIOZ, 1980, p. 117). Este elemento procurava impor ao público um ensinamento moral, além de tentar extinguir dúvidas em relação aos dogmas de fé, eliminando, assim, possíveis interpretações múltiplas difundidas pelos movimentos heréticos. O *exemplum*, citado dentro da pregação para que pudesse ser eficaz e ter legitimidade, deveria ser breve e proveniente de referenciais da cultura cristã, como os sermões de Isidoro de Sevilha, Gregório Magno ou mesmo relatos de vidas de santos. Logo, o *exemplum* respaldava o discurso dos pregadores (BERLIOZ, 1980, p. 118).

Constatamos, assim, uma progressiva ampliação da prática da pregação fomentada pela Igreja Papal, sobretudo a partir dos séculos XII e XIII, tendo por objetivo estabelecer a sua hegemonia frente aos movimentos de cunho heterodoxo. Tal elemento levou a uma construção teológica e erudita da pregação, que mais do que simplesmente transmitir os elementos da crença e espiritualidade católica, procurava também persuadir os ouvintes para que observassem a doutrina e as diretrizes eclesiásticas, no intuito de estabelecer uma forma de controle social através da palavra publicamente proferida.

REFERÊNCIAS

Fontes:

DECRETOS DEL IV CONCILIO DE LETRAN. In: FOREVILLE, Raimunda. Lateranense IV. Vitória: Esset, 1972. pp. 155-209.

CONCILIUM LATERANENSE IV (1215). Disponível em: <http://www.internetsv.info/Download.html>. Acesso em 29 de abril de 2014.

Bibliografia:

BÉRIOU, Nicole. Un mode singulier d'éducation. La predication aux derniers siècles du Moyen Age. *Communications*. Roma, t. 72, pp. 113-127, 2002.

BERLIOZ, Jacques. Le récit efficace: l'exemplum au service de la prédication (XIIIe- XVe siècles). *Mélanges de l'Ecole française de Rome*. Roma, t. 92, n. 1. pp. 113-146, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BOLIEU, Marie Paolo. Pregação. In: LE GOFF, Jacques. SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2009. 2v, V. 2, pp. 367-377.

CARPLAN, Harry. Classical Rhetoric and the Medieval Theory of Preaching. *Classical Philology*. Chicago, v. 28, n. 2, pp. 73-96, 1933.

DELCORNO, Carlo. Predicazione volgare e volgarizzamenti. *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age*, Roma, t. 89, n. 2. pp. 679-689, 1977.

GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália Medieval*. Campinas: Unicamp, 2011.

LAUWERS, Michel. "Os sufrágios dos vivos beneficiam os mortos?": história de um tema polêmico (séculos XI-XII). In: ZERNER, Monique. *Inventar a heresia: discursos polêmicos e poderes antes da inquisição*. Campinas: Unicamp, 2009. pp. 163-199.

ROBERTS, Phyllis B. ROBERTS, Phyllis B. The *ars praedicandi* and the medieval sermon. In: MUESSIG, Carolyn (Ed) *Precher, sermon and audience in the Middle Ages*. Brill: Boston, 2002. pp. 41-61.

RUBELLIN, Michel. Na época em que Valdo não era herege: hipóteses sobre o papel de Valdo em Lyon. In: ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia: discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora UNICAMP, 2009. pp. 201-228.

RUSCONI, Roberto. De la predication à la confession: transmission et contrôle de modèles de comportement au XIIIe siècle. In: CROIRE, Faire (org). *Modalités de la diffusion et de la réception des messages religieux du XIIe au XVe siècle*. Roma: École Française de Rome, 1981. pp. 67-85.

SILVA, Paulo Duarte. As heresias nos sermões de Cesário de Arles: pregação e afirmação episcopal no século VI. *Plêthos*, Niterói, v. 1, pp. 101-124, 2011.

VAUCHEZ, André. Une campagne de pacification en Lombardie autour de 1233. L'action politique des Ordres Mendiants d'après la réforme des statuts communaux et les accords de paix. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, Paris, t. 78, pp. 503-549, 1966.

_____. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Lisboa: Estampa, 1995.

Recebido em 14 de setembro de 2014.

Aceito em 21 de novembro de 2014.